

Limites do Moderno, **de Eduardo Jardim de Moraes**

O Sentido da Arte como Questão
não decidida

Limites do Moderno nos apresenta o resultado da longa pesquisa realizada por Eduardo Jardim de Moraes acerca do pensamento estético de Mário de Andrade. Graças a uma dupla familiaridade, a que, de um lado, o autor tem com a obra de Mário de Andrade, conquistada depois de mais de vinte anos de estudo e a que, de outro, possui com a experiência do pensar, o livro que Eduardo Jardim nos apresenta tem um grande e raro mérito: o de “narrar” uma aventura de pensamento, a de Mário de Andrade, deixando que suas vicissitudes façam por fim aparecer uma questão em sua simplicidade, a questão sempre não decidida de qual é, afinal, o sentido da arte.

O percurso de pensamento de Mário de Andrade tem como ponto de partida um forte desconforto com o hermetismo característico da arte do século XX, um hermetismo que ele não concebe como um traço acidental, mas como o acabado desdobramento — e esta é a chave interpretativa que guia todo o trabalho de pesquisa — do “projeto moderno”. “Os dois principais eixos da reflexão de Mário de Andrade sobre a Arte”, nos diz Eduardo Jardim, são, “de um lado a preocupação com a sua dimensão comunicativa, o seu caráter social e, de outro, a reivindicação da postura de contenção formal”. *Limites do Moderno* traz à luz a articulação entre estas duas preocupações, retracando historicamente de que modo a dimensão comunicativa e a contenção formal da arte são gradativamente ameaçadas pelo encaminhamento que ela assumiu na modernidade, chegando-se à situação de uma arte que compreende a si mesma como o objeto de uma apreciação

1 Professora do Departamento de Filosofia da PUC-Rio.

altamente sofisticada, porque especializada e, assim, torna-se necessariamente dirigida a poucos. Que encaminhamento histórico é este? A arte, nas sociedades tradicionais pré-modernas, expressava os conteúdos mítico-religiosos partilhados pela comunidade; por essa razão ela concernia a todos. Com o início da modernidade e seu processo de laicização —que Mário de Andrade localiza, para as artes plásticas, na Renascença e, para a música, no clacissismo setecentista— a arte se emancipa destes conteúdos externos, alcançando, pela docilidade ao elemento material que lhe é próprio, a sua mais alta expressão. Entretanto, essa conquistada docilidade à matéria será rapidamente comprometida, pois a arte se verá na obrigação de servir de expressão, não já a conteúdos mítico-religiosos agora considerados “obscurantistas”, mas aos sentimentos da alma do artista. Vemos surgir assim a figura do gênio moderno que, convicto da singularidade de sua alma, vasculha nela procurando o novo, o ainda não sentido nem jamais expresso, acabando por desprestigiar, no seu fazer artístico, toda regra que a matéria põe à expressão, importando-lhe apenas externalizar o turbilhão de sentimentos íntimos que a arrebatam. Nesse movimento egóico e voluntarioso, toda a “arquitetura” da obra de arte desaba.

A posição de Mário de Andrade “aposta” numa arte que se desvincula da obrigação de transmitir idéias extrínsecas ou sobrepostas àquilo que a matéria pede, àquilo que nela pulsa para ser tal obra —nisto consiste a reivindicação de “contenção formal”. O que é próprio do artista como honesto “fazedor da obra”, como artesão, é o conhecimento das regras da matéria, pois são elas as únicas capazes de devolver à obra a sua capacidade de “religar” a comunidade, de instaurar um mundo comum. De outro lado, o exercício de um tal conhecimento faz desabrochar no artista o que Mário de Andrade considera ser a dimensão moral inerente a toda criação: uma humildade diante das regras da matéria, um generoso apagar-se em favor da obra para que esta realize sua vocação mundana e coletiva. Trata-se da superação da egoidade voluntariosa que insiste sempre em que a obra deve transmitir algo de pessoal, sejam sentimentos psicológicos, convicções ideológico-políticas ou crenças religiosas. De outro lado, assim entendida —entendida como os gregos a experimentaram, isto é, como *poiesis*, como o fazer que traz à existência algo que não existia—, a arte é comum a todos, não sendo jamais a prerrogativa do gênio. “Poeticamente habita o homem a terra”, assim o diz Hölderlin em versos que realizam, eles próprios, a essência da arte em sua simplicidade e beleza.

Qual é o sentido da arte? Qual é a essência da arte?, tais perguntas pertencem àquele tipo onde o percurso que levou a formulá-las é de todo decisivo, pois o que nelas interroga, dependendo desse percurso, pode parecer teoricamente abstrato, geral e vazio —no melhor dos casos, um mero desafio para o intelecto— ou, ao contrário, um apelo urgente, vital e “encarnado”, capaz de engajar o pensamento e a vida inteira de um indivíduo. Sem dúvida, este foi o caso de Mário de Andrade. *Limites do Moderno* evidencia que Eduardo Jardim, pensando sobre Mário de Andrade, deixou-se ensinar por ele. Aí mostra-se a generosa e dócil entrega do artesão, só que agora na tarefa de acompanhar o caminho desse pensamento, deixando-se conduzir através dele até ver surgir sua questão, a questão do sentido da arte, com a vida e a urgência com que Mário de Andrade as experimentou. Assim, depois de percorrer as pouco mais de cento e trinta páginas do livro, eu, leitora, fui tomada pelo mesmo apelo e a questão, agora vivificada, permitiu a reunião do pesquisado, do pesquisador e do leitor para a amoroso diálogo do pensamento. Desse diálogo surgiram em mim algumas das seguintes questões: será que a matéria possui ainda a capacidade de restituir-nos um mundo comum, hoje, quando a ciência não reconhece nenhuma regra da mesma como limite a seu manifesto poder de desfazê-la e remontá-la, nem mesmo na esfera da vida? Ou será que, como de fato aponta Eduardo Jardim, a distinção *matéria/forma* está ferida de morte, tendo perdido todo poder iluminador? E ainda pergunto-me: a comunidade cada vez mais planetária que a indústria cultural produz reestabelece, em alguma medida, algo daquilo que Mário de Andrade tinha em mente quando falava em *religare*, a dimensão comunicativa que ele considerava essencial à arte? Ou, como parece mais evidente, tal homogeneidade cultural acaba por desenraizar todos do seu solo, lançando os homens num maior isolamento e anonimato? Acompanhar o caminho do pensamento de Mário de Andrade que *Limites do Moderno* nos narra, parece-me que nos impele a ir além do seu percurso, um presente com que raras vezes o pensamento é obsequiado.

Departamento de Filosofia da PUC-Rio

Cursos, Publicações e Eventos Programados

Publicações

- *[o que nos faz pensar]*. *Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio* – Números anteriores (à exceção do nº1, esgotado) disponíveis na Secretaria do Departamento de Filosofia da PUC-Rio.
 - *Cadernos de Tradução do Departamento de Filosofia da PUC-Rio*. Série “Filosofia Antiga”. Publicação do Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga.
- Nº1: Coletânea de artigos de Charles H. Kahn. *Sobre o Verbo Grego Ser e o Conceito de Ser*
- *Studia Kantiana*. Revista da Sociedade Kant Brasileira. Revista anual que publica artigos sobre Kant e temas afins. Ed. Luiz Carlos Pereira. Vol. 1, nº1: org. Vera Cristina Bueno, Ulysses Pinheiro, Luiz Carlos Pereira.
 - *Iniciação à História da Filosofia*. Danilo Marcondes. Jorge Zahar Editor.
 - *Textos Básicos da Filosofia*. Dos pré-socráticos a Wittgenstein. Danilo Marcondes. Jorge Zahar Editor.
 - *Alegorias da Dialética*. Imagem e Pensamento em Walter Benjamin. Kátia Muricy. Ed. Relume Dumará.
 - *Limites do Moderno*. Eduardo Jardim. Ed. Relume Dumará.

A sair

- *Mênon*, de Platão. Edição bilingüe grego/português com tradução e notas de Maura Iglésias. Primeiro volume da coleção “Bibliotheca Antiqua”, série “Grega”. Publicação do Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga.

- *[o que nos faz pensar]*. *Especial sobre Estética*. Org. Eduardo Jardim.
- *Cadernos de Tradução do Departamento de Filosofia da PUC-Rio*. Série “Filosofia Antiga”, nº2: coletânea de artigos de Pierre Aubenque. Publicação do Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga.
- *Hannah Arendt, 25 anos depois. Por amor ao Mundo*. Coletânea de Artigos. Editora da UFMG.

Grupos Integrados

Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga

Projeto de pesquisa na área de Filosofia Antiga, financiado pelo CNPq e coordenado pela prof^a Maura Iglésias, cujo objetivo é o estabelecimento de um centro de excelência na área. Desenvolve atualmente, além das pesquisas individuais de seus integrantes, as seguintes atividades: (a) formação de uma biblioteca especializada; (b) criação de um banco de dados bibliográficos; (c) formação de novos pesquisadores; (d) cursos de grego clássico e de latim; (e) tradução de textos primários antigos para publicação em edição bilingüe; (f) traduções de autores secundários (comentadores e intérpretes modernos dos textos antigos).

Núcleo de Estudos sobre o Ceticismo

Coordenado pelo prof. Danilo Marcondes, conta com o apoio do CNPq sob a forma de Projeto Integrado, tendo a participação de bolsistas de iniciação

científica e de pós-graduação. O núcleo se dedica à análise e discussão de temas centrais da tradição cética antiga e moderna, bem como à leitura de textos clássicos do ceticismo, sobretudo a obra de Sexto Empírico, mantendo um seminário semanal.

Núcleo Provas, Tipos e Categorias

Projeto de Pesquisa Integrado – CNPq, coordenado pelo Prof. Edward Hermann Hauesler. O grupo reúne pesquisadores dos departamentos de Filosofia e Informática com o objetivo de investigar os conceitos lógicos de Prova, Tipo e Categoria. Além das atividades regulares de pesquisa (seminários, cursos, redação de textos, etc.), o grupo de pesquisa realiza anualmente um encontro de trabalho

com a participação de pesquisadores de outras instituições.

Endereços

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Coordenação Central de Extensão (CCE)
Rua Marquês de São Vicente, 225, casa XV, Gávea – 22453-900, Rio de Janeiro, RJ
Tel.: 529-9212, 529-9335, 274-4148,
Fax: 259-1642.
e-mail: mam@rdc.puc-rio.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Departamento de Filosofia
Rua Marquês de São Vicente, 225, 1149L, Gávea – 22453-900, Rio de Janeiro, RJ
Tel: 529-9310, 239-4085;
Fax: 239-4085.
e-mail: filos@fil.puc-rio.br

Aos Colaboradores

- 1 As colaborações para esta revista devem ser enviadas em três cópias para o seguinte endereço:

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Filosofia
Rua Marquês de São Vicente 225, 1149L
Gávea
22453-900 – Rio de Janeiro, RJ

- 2 Os artigos escritos em qualquer versão do *WinWord* poderão ser mandados em disquete (3.5"). Os demais devem ser datilografados ou impressos em espaço duplo, sem uso do verso do papel e, em princípio, devem constar de, no máximo, 30 laudas (de 30 linhas com 70 toques por linha). A editoria se reserva o direito de, excepcionalmente, aceitar trabalhos que excedam esse limite.
- 3 Não há obrigatoriedade de que o artigo não tenha ainda sido publicado. Em caso de prévia publicação da colaboração que nos for enviada, solicitamos que seja citado o nome e data da publicação onde originalmente apareceu, e que haja a devida aceitação de seus editores.
- 4 Artigos em espanhol, francês e inglês serão aceitos.
- 5 Os autores serão informados sobre a aceitação de seus artigos (favor enviar endereço para contato). Essa aceitação, entretanto, não implica necessariamente na publicação no número seguinte ou em algum número determinado da revista. Sendo estritamente acadêmica, a revista [o que nos faz pensar] não tem como critério de publicação a ordem cronológica em que recebe ou aprova artigos.

Nietzsche e Descartes: Filosofias de Epitáfio.
Scarlett Marton

As Figuras da Verdade.
Kátia Muricy

"Das Três Metamorfoses":
Ensaio de Ruminação.
Maria Cristina Franco Ferraz

O Gênio e a Música em Humano,
demasiado Humano.
Rosa Dias

Nietzsche e os Cursos sobre a Retórica.
Rosana Suarez

Desdobramentos da "Face Oculta do Amor"
entre Freud, Lacan e Nietzsche.
Denise Maurano

Os Estilos em Nietzsche.
Andrea Bieri

Como conviver com Zaratustra?
Alexandre Belfort



Perspectivismo e Ontologia
na Filosofia de Nietzsche
Steffen Rindler-Schjerve

Nietzsche, Espinosa e o Acaso e os Afetos
Encontros entre o Trágico e o
Conhecimento Intuitivo
André Vinhas

Limites do Moderno
O Sentido da Arte como Questão não Decidida
Eliane Balthazar